



«Alguns dos que agora são os últimos, serão os primeiros» (Lucas 13, 30)

D. Jorge Pina Cabral

Chegam algo envergonhados. Sentam-se nos últimos bancos da igreja e aí permanecem durante a celebração. A sua presença é cada vez mais regular e o seu número é crescente nas nossas diversas paróquias. Entram pela primeira vez na igreja e vêm pela necessidade de serem acolhidos e tratados nas suas múltiplas carências. São os pobres ou, se quisermos os novos pobres, que a crise provocou e continua a provocar. Trazem a sua própria história pessoal e experiência de vida e desejam ser tratados com dignidade. Esta presença é desafiante e questiona rotinas e modos de estar e de pensar instalados na Igreja.

A novidade que trazem não se controla e é imprevisível nos seus efeitos. No desconhecido que de nós se aproxima está presente Jesus (Lc. 24,15) para nos interpelar e nos revelar Deus no coração da humanidade. Nasce daqui a missão quando deixamos que a vida nos interpele e percebemos em cada situação humana uma presença e um questionamento que Deus nos coloca.

Não se trata tanto de definir para onde vamos mas antes para onde Deus, no concreto da nossa situação, nos pede para ir. Esta realidade tem que ser assumida de um ponto de vista pastoral e de missão da Igreja. Diz respeito a todos e por todos deve ser tratada. Exige um novo relacionamento e uma maior proximidade entre todos e ainda o aceitar da imprevisibilidade do desconhecido. Na sua maioria, os irmãos e irmãs que chegam não sabem ler nem seguir a clássica forma escrita da liturgia lusitana e as letras dos hinários e cânticos. Tal não significa que não vivam nem participem nos diversos momentos da celebração.

Surpreendi-me recentemente quando, num ato de culto, percebi que uma senhora frequentadora recente de uma das nossas comunidades, cantava apenas a música de um hino tradicional sem dizer a letra. Mesmo sem saber ler não deixou de participar com alegria no cantar da música do hino. A sua voz apesar da idade é fresca e vibrante e reforçou o ato comunitário de louvor a Deus. Todos estamos mais enriquecidos com a sua presença e ela mais feliz por estar acolhida e integrada numa comunidade. Estamos assim perante uma realidade social e pastoral que não sendo nova desafia agora pela sua expressão e intensidade e requer o (re)definir de prioridades de ação.

No recente caminhar quaresmal tornou-se-me evidente a crescente importância das refeições no acolhimento e construir da relação entre os membros da Igreja e aqueles que a procuram. A proposta era simples; antes da partilha da Palavra de Deus a partilha de uma mesma mesa comum. Para os que, a meio da semana, ousaram comer juntos uma refeição frugal e souberam partilhar do seu tempo, a experiência foi enriquecedora. Partilhou-se o tempo de cada um e partilhou-se a vida nos seus acontecimentos múltiplos. Na simplicidade daquela vivência comunitária houve ainda tempo para acolher e conhecer outros que ali estavam pela primeira vez.

À mesa somos iguais na nossa comum necessidade e condição e o acolhimento acontece também através da escuta. A mesa tem uma intimidade familiar que nos convoca à comunhão. Retomamos assim a prática e o exemplo de Jesus que fez das refeições partilhadas importante caminho de ministério, de serviço e de revelação de uma nova vivência (Mat. 9,9-13, Lc. 7, 36-43, Lc 19, 1-10 ...). A mesa comum assumida por Jesus Cristo torna-se anúncio e realização do Reino de Deus e expressa a comunhão de uns com os outros e de todos com Deus. À medida que formos capazes de partilhar a mesa e o que temos com os excluídos de hoje, cresceremos também na compreensão e vivência da comunhão Eucarística que a Igreja celebra em memória de Cristo.

Com efeito, a comunhão com o pobre introduz-nos na comunhão com o corpo de Cristo (Mt 25,40.45) e permite que o «fazer em memória» dominical ganhe sentido de coerência com a entrega e dádiva de Cristo na última ceia. «Fazei isto em memória de mim» (1 Cor 11,24, Lc 22,19) não significa apenas repetir sempre de novo a celebração da ceia, mas também e tal como Cristo entregarmo-nos real (e não apenas simbolicamente) aos outros na sua necessidade (Jo 13,1). A comunidade cristã que é capaz de se reunir à volta do altar e partilhar uma mesma eucaristia deve por decorrência ser capaz também de partilhar a mesa da vida e abri-la a outros. Muito temos ainda que caminhar neste aspeto. Ousemos criar nas nossas comunidades novos e inclusivos espaços de hospitalidade, de partilha da vida e de oração a exemplo de Jesus.

Deixemos cair o que está velho (Mt 9,16-17) e ousemos a novidade que neste tempo de Pentecostes o Espírito Santo sempre criador nos oferece.

+ Jorge